

Patricia Miguel
O Corporema da Casa
Portuguesa ou repensar
O Problema da Casa
Portuguesa de Fernando Távora

Arquitectura é a arte de fazer coincidir as formas de uma civilização com o seu conteúdo.

W. LESCAZE

Pase

Patricia

- em conjunto e

parabens pelo arquitectural

deste pequeno "Luzada"

de

F. Miguel

Setembro 21.97

CADERNOS DE ARQUITECTURA N.º 1

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO DE
MANUEL JOÃO LEAL

(111)

15.10.96

1115 Nov 06
30/10/96
ATA
31/10/96

O PROBLEMA DA
CASA PORTUGUESA

Por Fernando Távora

O País constrói. O País constrói muito. O País constrói cada vez mais.

Levantam-se casas, fábricas, escolas — nas cidades, nas vilas, nas aldeias. Mas fica-se cheio de dor ao verificar que essa enorme actividade construtiva tem resultado falseada na sua expressão arquitectónica.

Os processos de construção, no aspecto técnico como no financeiro, vão adaptando-se, embora custosamente, às necessidades. Mas o estilo «nascido do Povo e da Terra com a espontaneidade e a vida duma flor», o «carácter novo das condições novas» — esses não aparecem. Preconceitos básicos têm viciado as tentativas mais bem intencionadas para os fazerem surgir.

Todavia, um caminho não foi ainda trilhado: o que é apontado no presente ensaio, precisamente o único que pode levar ao florescimento de uma arquitectura portuguesa viva. O seu autor, Fernando Távora, finalista de Arquitectura na Escola de Belas Artes do Porto, aponta, com coragem e convicção, os erros do presente e os caminhos do futuro.

«Impõe-se um trabalho sério, conciso, bem orientado e realista», animado por um espírito novo. «Tudo há que refazer, começando pelo princípio».



O corporema seria um conjunto de signos que, emancipando-se do reservatório inesgotável de sentido que o corpo constitui, se autonomizaria, mantendo todavia relações de afinidade formal e conceptual [...] com o corpo mãe.

Paulo Cunha e Silva (1999, p.55)

***Il est des parfums frais comme des chairs d'enfants,
Doux comme les hautbois, verts comme les prairies,
- Et d'autres, corrompus, riches et triomphants,***

Ayant l'expansion des choses infinies'

Charles Baudelaire (1993, p.58)

Preâmbulo pessoal, Correspondências, ou Tudo há que refazer começando pelo princípio

Quando, em Outubro de 2003, o arquitecto Mário Krüger, numa aula de *Teoria em Arquitectura*,² mostrava o cartaz *Vient de paraître*, pensei substituir naquela imagem a capa do livro de Le Corbusier pela capa d'*O Problema da Casa Portuguesa* de Fernando Távora (1947).³ O opúsculo de Távora, sendo mais fino do que *Vers une Architecture*, ficaria ainda melhor inserido na estratégia publicitária de fingimento de espessura operada por Corbusier.⁴

Juntava-se a isto a dedicatória que em 1997 Fernando Távora escrevera no meu exemplar d'*O Problema da Casa Portuguesa* de 1947: 'com simpatia e parabéns pela aquisição destes pequenos "Lusiadas"'. A expressão 'pequenos "Lusiadas"', ao mesmo tempo que reassociava o texto a uma efectiva estratégia espessante operada intencionalmente pelo próprio Távora, remetia-me ainda para uma interrogação sobre a possibilidade de existência de teorias que, apesar de simples, seriam fundamentais na complexidade própria de uma cultura arquitectónica.

Às questões da retórica e da teoria, que interessavam ao arquitecto Krüger, associei também algumas provocações que lançava Paulo Varela Gomes nas aulas de *História da Arquitectura*, nomeadamente através do artigo "Untitled: The Housing of Gender" de Mark Wigley (1992). Utilizei esta matéria, a das correspondências entre Alberti, Le Corbusier e Távora, para demonstrar que *O Problema da Casa Portuguesa* seria uma espécie de *tratadema* - uma unidade teórica mínima estrutural. Esse foi o primeiro *Corporema da Casa Portuguesa*, escrito em Dezembro de 2003.⁵

O título *O Corporema da Casa Portuguesa* surgiu neste e noutro contexto. Quando Paulo Cunha Silva, no Cinema S.Jorge em Novembro de 2003, tentava uma possibilidade de explicação da sua noção de *corporema* - fazendo-nos perceber que uma orelha isolada, apesar de autónoma, remete sempre para o corpo-mãe (mutilado) sem a existência do qual não existiria⁶ - imaginei que ali se repensava a tal possibilidade de existirem teorias em *Arquitectura* que, apesar de simples, seriam pertença e estrutura de uma determinada identidade complexa.

Mas se por um lado o texto de Fernando Távora funcionava como uma espécie de condensador de sentidos contemporâneos, aquém e além da contemporaneidade, parecia simultaneamente estar a tornar-se obsoleto: na livraria XM, em Coimbra, arquitectos tão jovens quanto eu mostravam silos para automóveis e reivindicavam por uma arquitectura nova que contrariasse as tradições e a ideia de ‘identidade portuguesa’: ‘uma arquitectura por exemplo com qualidades de transparência, nos antípodas do Kubler’. Num comentário final, Paulo Varela Gomes viria a dizer que estes jovens são a vanguarda contemporânea, a ‘neo-vanguarda’. Esta espécie de separação entre tradição e vanguarda, questionava alguns pressupostos do opúsculo de Távora.

Em finais de 2004 voltei a reflectir *O Problema da Casa Portuguesa* ‘começando pelo princípio’. Entretanto, o ciclo de exposições *Influx, Arquitectura portuguesa recente* - realizado no Porto entre Março de 2002 e Setembro de 2003 - que já tinha dado alguns motes para o confronto da capacidade teórica do texto de Távora com a contemporaneidade, transformou-se em *Metaflux* e foi mostrar *Duas gerações na arquitectura portuguesa recente à 9ª Bienal Internacional de Veneza de 2004*.⁷ *Metaflux* parecia querer reivindicar que ‘identidades nacionais’ deveriam ser substituídas por uma espécie de supra ‘identidade urbana europeia’. Tornava-se então legítima a ainda-curiosidade: Qual é o embate do texto de Távora com a aparentemente-nova consciência de uma necessidade de internacionalização, de uma vontade de “identidade europeia”? Qual é afinal o confronto que se pode estabelecer entre a crítica europeizada/internacionalizada da arquitectura contemporânea portuguesa e a ideia de identidade inerente ao texto de Távora?

Preâmbulo impessoal

José António Bandeirinha associa com rigor *O Problema da Casa Portuguesa* às premissas para a *aplicação edificante* do pensamento pós-moderno de Boaventura de Sousa Santos e confronta-o com os referenciais Le Corbusier e Movimento Moderno (1996, pp.76-118).⁸ Bandeirinha, a propósito da finalidade genérica com que escreveu *Quinas Vivas*, refere: ‘prendem-se estes objectivos com a necessidade que sinto de transmitir aos alunos a presença de um corpo teórico suficientemente claro e autónomo’ (1996, pp.13-15, 14). De facto, em 1993, *O Problema da Casa Portuguesa*, reproduzido em livro com a obra de Távora, continuava a ser consumido na cultura disciplinar da arquitectura em Portugal. Nesta publicação, o ensaio de Alexandre Alves Costa de 1992, evocava a possibilidade da sua releitura actual, ‘a sua continuidade e sua coerência e sobretudo a sua permanente contemporaneidade’ (1993, p.17).

O Problema da Casa Portuguesa, nas afinidades com a produção arquitectónica que se seguiu ao Congresso de 48, reivindicava contra o ‘regionalismo fascizante’ da “Casa Portuguesa” (Tostões, 1997, p.49). No entanto, porque ligado à busca de uma arquitectura encontrada na casa popular, no ‘Povo’ e na ‘Terra’, adiantava também a tomada de